

## ENGAJAMENTO E ESTÉTICA NAS TRANSMISSÕES DO MÍDIA NINJA

Mauricio Jose de Jesus (PÓS-CRÍTICA/UNEB Campus II)

Orientador: Prof. Dr. Washington Luís Lima Drummond

*Resumo:* A produção de imagens técnicas durante as jornadas de junho trouxe à tona as disputas simbólicas em torno do modo como se produz e divulga informação. Utilizando o aparato tecnológico atual, o coletivo Mídia Ninja inovou ao transmitir ao vivo as manifestações usando o aparelho celular (*smartphone*), como forma de contrapor as informações enviesadas das mídias corporativas e seus editoriais que criminalizavam os manifestantes. A exploração do programa do aparelho celular aliado ao engajamento do usuário-reporter parecem apontar para uma outra estética comunicacional onde as imagens técnicas podem questionar os padrões publicitários da prática jornalística das mídias corporativas.

*Palavras-chave:* Aparelho. Estética. Imagens técnicas. Midiativismo.

As jornadas de junho trouxeram à tona um tipo de disputa que situa o atual estágio de produção de imagens técnicas. Essa disputa desloca a situação em que somos impelidos a nos relacionar com imagens reproduzíveis produzidas alhures, e que servem para nos informar, nos formar e programar nossos sentidos, nossa produção de sentido. O que veio à tona é que a disputa, o enfrentamento, não é mais apenas com as imagens reproduzíveis prontas que nos assediam cotidianamente, mas a própria capacidade de produzir tais imagens como forma de enfrentar a massiva produção e uso de imagens técnicas por corporações midiáticas.

A disputa em questão remete a um enfrentamento no espaço midiático, disputando agora os meios de produção da informação, quebrando o circuito fechado do jornalismo da mídia corporativa e sua proliferação de imagens reproduzíveis. A pretensão do jornalismo corporativo investe na montagem de cenários onde as manifestações aparecem como atos de “criminosos”, “vândalos” e “baderneiros”, cuja a violência justifica a truculência da polícia – o braço armado do estado. As imagens veiculadas pelos meios de comunicação ligados às corporações de mídia fazem esse trabalho de publicidade negativa e perversa das manifestações, até que tais cenários foram confrontados pelas imagens feitas por usuários de aparelhos celulares disseminados pela internet através das redes sociais.

Segundo W. Drummond e A. Sampaio, o duplo do jornalismo é a publicidade, e esta busca operar uma estetização da realidade capaz de esvaziar a potência política dos fatos (DRUMMOND; SAMPAIO, 2013). Assim, quando jornalismo e publicidade se confundem, quando o tratamento do fato pelo jornalismo busca montar cenários através da manipulação das imagens, pretendendo criminalizar o direito à manifestação dos cidadãos, não basta mais enfrentar tal cenário apenas denunciando a manipulação midiática dos fatos, é preciso

enfrentar com imagens outras, é preciso talvez produzir suas próprias imagens. Confrontar imagens com imagens e desconfigurar cenários montados pelo esvaziamento do gesto publicitário através do gesto político.

A politização do espaço midiático se dá no gesto de apontar a câmera do aparelho celular para o fato, e penetrar o acontecimento produzindo imagens que confrontam a maneira como a mídia corporativa usa imagens para montar seu cenário esvaziado de sentido político. Assim, contra a prática publicitária do jornalismo corporativo, a prática política do midiativismo, que explorando os programas dos aparelhos celulares inventaram um modo suplementar de produzir e divulgar informações. O que aponta para as disputas no contexto atual da produção de imagens técnicas e sua proliferação.

Pode-se perceber a prática midiativista nas transmissões do coletivo Mídia Ninja, onde a exploração dos programas do aparelho (FLUSSER, 2002) *smartphone* permitiu a transmissão ao vivo e sem cortes das manifestações, num gesto político de esvaziamento da publicidade negativa praticada pelo jornalismo corporativo midiático acerca das manifestações. Se o gesto publicitário da mídia corporativa investia na criminalização dos manifestantes, criando um cenário onde estes depredavam todo tecido urbano, valendo-se das edições das imagens captadas do alto dos helicópteros das emissoras de TV, para esvaziar o sentido político das manifestações; o gesto político dos usuários midiativistas que transmitiam para o Mídia Ninja, investia na penetração da manifestação para mostrar como se instaurava o clima de tensão após a ação truculenta da polícia na tentativa de reprimir os protestos.

Não havia cortes ou edições, os usuários que transmitiam para o Mídia Ninja, se engajavam para desmontar o cenário criado pela mídia corporativa na criminalização das manifestações, usando o aparelho celular para transmitir todo o processo da manifestação, da concentração das pessoas até as passeatas pelas avenidas culminando na ação truculenta e violenta da polícia.

Podemos perceber este cenário na transmissão feita pelo usuário Balsir Havoc, colaborador do Mídia Ninja, na manifestação ocorrida em Salvador, na Bahia, no dia 22 de junho de 2013<sup>12</sup>.

No vídeo da transmissão, Balsir Havoc, o usuário-reporter do Mídia Ninja, começa a mostrar os manifestantes se reunindo num Largo, alguns minutos depois pode-se ouvir a explosão de uma bomba de gás lacrimogêneo, lançada pela tropa de choque da Polícia Militar,

---

<sup>12</sup> Vídeo disponível in: <http://twitcasting.tv/balsirhavoc/movie/14495524>, acesso em 8/02/2014.

que estrategicamente começa a ocupar o território da manifestação e a empurrar os manifestantes para a rua, deslocando-os e dispersando os manifestantes. Após a ação inicial da tropa de choque, manifestantes começam a atirar rojões e adrianinos contra a força policial e então explode o conflito. O usuário-repórter, Balsir Havoc, coloca-se ao lado da tropa para mostrar seus movimentos. Alguns manifestantes se aproximam da tropa de choque para negociar um “cessar fogo”, um policial pede que estes levem uma mensagem para que os manifestantes parem de atirar fogos de artifício. Mas a ação policial continua, permanecendo o clima tenso.

Durante os 36 minutos de transmissão, o usuário transmissor do Mídia Ninja procura tornar visível a instauração do conflito, mostrando a repressão policial e a reação dos manifestantes. Parece que a preocupação de Balsir Havoc, através de sua transmissão, é mostrar a forma truculenta e violenta da ação policial, reforçando que a manifestação ocorria pacificamente, expondo suas inquietações, quando a força policial entra em cena para dispersar os manifestantes lançando bombas de efeito moral. O foco de Balsir Havoc é o acontecimento, que se traduz na zona de conflito entre policiais e manifestantes, por isso este parece optar por permanecer ao lado da tropa de choque, para mostrar o modo como agem, na repressão à manifestação. O preço desta postura é a borrifada de spray de pimenta no rosto, quando Balsir Havoc viu um policial agredindo um manifestante e foi defendê-lo.

Em tais imagens podemos perceber a tensão e o conflito instaurados. Em certos momentos, quando Balsir Havoc penetra a ação policial, percebemos o movimento aleatório da câmera devido ao movimento corporal dele, tentando escapar de algum movimento truculento dos policiais. Toda movimentação da transmissão de algum modo transborda, por efeito visual, o clima de tensão e conflito das ruas através das imagens da transmissão. A transmissão não buscava nenhum tipo de padrão de qualidade técnica, parecia querer mostrar não um cenário montado, mas o próprio gesto de montagem da cena, mostrar a ação, os gestos, o corre-corre das pessoas, os movimentos estratégicos da Tropa de Choque da PM, deixando para o espectador *on line* a possibilidade de interpretação do fato visto. Se a estética publicitária da mídia corporativa buscava transmitir uma versão única e enviesada dos fatos, a estética precária de enfiamento das transmissões do Mídia Ninja buscava mostrar a multiplicidade de versões possíveis por focar no fato sem cortes ou edições, ou seja, sem as maquiagens técnicas utilizadas pelo jornalismo corporativo.

A postura política de Balsir Havoc na transmissão é a de suplementar as informações veiculadas pelos meios de comunicação da mídia corporativa a qual fabricava uma imagem das

manifestações onde as cenas de violência eram protagonizadas pelos manifestantes “baderneiros” que se infiltravam para praticar atos de vandalismo. A transmissão ao vivo e sem cortes, com sua precariedade técnica relacionada aos limites da potencialidade do aparelho, aliado ao engajamento do usuário-repórter e sua busca por tornar visível as disputas, os conflitos, a tensão das ruas sem maquiagens técnicas, apontam para uma estética da comunicação que busca romper com o padrão publicitário das informações veiculadas pelo jornalismo da mídia corporativa.

As transmissões do Mídia Ninja possibilitaram a suplementação do cenário montado pela mídia corporativa, que implicava no posicionamento político dos usuários que transmitiam as manifestações. Sem apelar para maquiagens técnicas, como os cortes e as edições, as transmissões investiam na penetração profunda dos acontecimentos, através da câmera do aparelho, com o intuito de informar como as manifestações, que iniciavam de forma pacífica, se tornavam tensas e conflituosas, mostrando os embates entre policiais e manifestantes, mostrando o dissenso entre a sociedade civil e o Estado.

As transmissões feitas por midiativistas, que colaboravam com o Mídia Ninja, fizeram emergir uma proposta estética de engajamento jornalístico que pôs em xeque o padrão publicitário da produção jornalística das corporações de mídia, apontando, talvez, novos rumos para a estética da comunicação. Tal estética, de algum modo, afeta o jogo de poder que a produção de imagens técnicas no espaço midiático faz emergir. É a possibilidade de exploração dos aparelhos, seus *softwares*, aliados a processos de singularização, criatividade coletiva e seus jogos de engajamento, que parecem ter permitido a emergência de uma outra perspectiva de jornalismo como prática estético-política.

O uso tático e astuto do aparato tecnológico disponível permite perceber as potencialidades criativas dos usuários e seus agenciamentos. As transmissões do Mídia Ninja parece configurar tais potencialidades de usuários engajados em processos de singularização onde a produção de narrativas independentes criam um novo cenário para a prática do jornalismo e da comunicação. A possibilidade de manipulação dos aparelhos, explorando e esgotando suas potencialidades programadas, permite aos usuários uma penetração mais “profunda” nos acontecimentos fazendo transbordar, através das imagens, o “aqui e agora” do fato por sua reprodutibilidade técnica, expandido sua capacidade de ressoar nos monitores e telas dos espectadores, cujo engajamento pode ser tanto o convite para a ação nas ruas, como a propagação viral dos *links* de transmissão constituindo um agenciamento coletivo. Neste sentido, a inovação estética das transmissões do mídia ninja, mobilizam também o

posicionamento político dos usuários de aparelhos e consumidores de informação, através do uso tático da tecnologia, da exploração dos programas do aparelho, que pode abrir espaço para processos de singularização.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Obras Escolhidas v. 1. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CERTEAU, Michel de. Fazer com: usos e táticas. In: *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DRUMMOND, W.; SAMPAIO, A. A cidade e seu duplo. In: *A cidade e seu duplo: imagem, cidade e cultura*. Salvador: EDUNEB, 2013.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. Subjetividade e historia. In: *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FLUSSER, Villém. O aparelho. In: *Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. RJ: Relume Dumaré, 2002.

FLUSSER, Villém. Abstrair. In: *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume, 2008.

